

# Atenas e a materialidade do ofício de aprendiz de feiticeiro

*Athènes et l'importance du métier d'apprenti sorcier*

**Maria Regina Candido\***

**Resumo:** A magia é a arte de produzir, por meio de processos ocultos, fenômenos que rompem com o curso ordinário da natureza. Ela revela o desejo de agir sobre o que está além do homem mediante a crença na permeabilidade que as coisas oferecem a seu poder. Neste artigo, nos propomos a analisar o imaginário social dos atenienses sobre a relação entre religião e magia no período clássico, tendo como base a cultura material.

**Resume:** La magie est l'art de produire, à travers des processus cachés, des phénomènes qui rompent avec le cours ordinaire de la nature. Il révèle le désir d'agir sur ce qui dépasse l'homme en croyant à la perméabilité que les choses offrent à son pouvoir. Dans cet article, nous proposons d'analyser l'imaginaire social des Athéniens sur la relation entre religion et magie dans la période classique, basée sur la culture matérielle.

**Palavras-chave:**

Atenas;  
Magia;  
*Katadesmoi*;  
Feiticeiro.

**Mot-clés:**

Athènes;  
Magie;  
*Katadesmoi*;  
Sorcier.

---

Recebido em: 25/02/2017  
Aprovado em: 02/04/2017

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; professora adjunta de História Antiga da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); coordenadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade; e coordenadora do Curso de Especialização de História Antiga e Medieval (CEHAM) da UERJ.

O olhar multicultural nos permite analisar a cultura dos atenienses sob vertentes alternativas, ou seja, através da interação cultural. Acreditamos que os gregos que circularam pelo Mediterrâneo antigo deixaram registros e vestígios que compõem a nossa memória ao fomentarem suas crenças e tradições das quais parece que somos herdeiros. Através do estabelecimento de um estudo de caso nos propomos a analisar o *imaginário social* dos atenienses sobre a materialidade da relação entre religião e magia no período clássico a partir da cultura material, que permanece pouco abordada nos meios acadêmicos, pelo fato de não fazer parte do modelo ideal de civilidade ocidental.

Magia não existe e nem religião. Segundo Versnel (1991, p. 177), o que existe são as nossas definições sobre estes conceitos. O autor nos traz à memória a *teoria da secularização*, ao argumentar que, com a chegada da Modernidade, teria ocorrido o desaparecimento gradual do interesse pelas crenças mágico-religiosas e o contato com o divino. Os defensores dessa tese, como Karl Max, Max Weber e Emile Durkheim, argumentavam que o mundo moderno estava diante da emergência do racionalismo ocidental generalizado e heterogêneo (CANDIDO, 2010, p. 193). A questão foi denominada de *desencantamento do mundo* por Max Weber e, na atualidade, foi denominada *dessecularização* por Peter Berger (2001, p.16).

De acordo com Antonio Flavio Pierucci (2003, p. 33), a expressão “desencantamento do mundo” tornou-se poética em francês – *désensorcement du monde* – e em alemão tornou-se *Entzauberung der Welt*. Enfim, defendia-se que a crença nos elementos mágicos e a maneira de pensar e agir com relação aos seres divinos teriam sido deslocados da vida cotidiana, no Ocidente.

Na atualidade, podemos afirmar que a análise das práticas mágico-religiosas ainda mantém o seu campo de interesse.<sup>1</sup> Os pesquisadores da área das Ciências Humanas têm produzido informações sobre as práticas mágicas próprias da Antiguidade grega e romana, disponibilizando publicações sobre os amuletos, os papiros mágicos, os encantamentos e as imprecações em *katádesmos/defixiones*. Recentemente, a pesquisadora Eleni Pachoumi (2013), no artigo *The erotic and separation spell of the Magical Papyri and defixiones*, pesquisou a respeito da identificação do gênero e da condição social dos usuários da magia. A autora dialoga com Winkler (1991), ao considerar que tanto nos papiros mágicos quanto nas lâminas de chumbo, o predomínio aponta para homens em busca da afeição das mulheres.

---

<sup>1</sup> Como exemplo de tal interesse, podemos citar o tema deste dossiê, *Magia, adivinhação e ritos apotropaicos na Antiguidade*. O livro *Magia e superstição no Mundo Antigo*, uma parceria entre o NEA/UERJ e a Universidade de Coimbra (no prelo), também é outro exemplo.

O tema sobre a magia erótica tem atraído os *scholars* devido à diferença de abordagem entre a documentação literária e a cultura material dos *defixiones*. No capítulo intitulado 'The constraints of Eros', Winkler (1991) considera os homens como agentes ativos da magia amorosa, enquanto Fritz Graf (1994), na obra *La magie dans l'Antiquité Gréco-Romaine*, ratifica que os homens usavam da magia amorosa para assegurar para si o amor da mulher amada. Fritz Graf (1994) concorda com esta premissa, porém Christopher Faraone (1991) considera que a magia erótica era praticada por homens e mulheres (PACHOUMI, 2013, p. 295).

Tais pesquisas nos informam sobre a realização das práticas mágicas na Antiguidade e nos fornecem os nomes de suas vítimas, porém percebemos a escassez de informação sobre os responsáveis pelos procedimentos mágicos, ou seja, homens e mulheres considerados feiticeiros por deter a *expertise* na execução da magia, denominados *magus* e *goetes*, qualificados por nós como *profissionais da magia* ou *profissionais do rito mágico*.

O tema nos traz à memória o conceito de *The sorcerer's apprentice* (*Aprendiz de feiticeiro*), filme de Walt Disney Picture (2010), cuja matriz provém do poema de Goethe, escrito em 1797, e da sinfônica de Paul Dukas (1890). Entretanto, devemos assinalar que, para nós, helenistas, o termo *feiticeiro* revela-se inadequado para ser aplicado à sociedade ateniense dos V e IV séculos a.C. Primeiro, porque a palavra *feiticeiro* não existia no período clássico; segundo, pelo fato de o praticante da magia estar imerso na diversidade de termos encontrados na documentação textual produzida no período clássico e helenístico; por último, o termo carrega uma acentuada conotação pejorativa no contexto da literatura ocidental, não alcançando o sentido expresso pela sociedade helênica.

Nos dicionários de língua grega, o termo feiticeiro é em geral substituído por mago, que traduzido para o latim torna-se *magus*. Segundo Heródoto (*Hist.*, I, 101), esse termo nos remete à região dos medos, no território oriental da Pérsia. Os medos, conhecidos como sacerdotes reais persas, tinham por função interpretar sonhos, presságios e evocar os mortos, como vemos em *Persae*, tragédia do poeta Ésquilo (v. 620):

ἀλλ' ὦ φίλοι, χοῶσι ταῖσδε νερτέρων 620  
ὑμνοὺς ἐπευφημεῖτε, τὸν τε δαίμονα  
Δαρείον ἀνακαλείσθε, γαπὸτους δ' ἐγὼ  
τιμᾶς προπέμψω τάσδε νερτέροις θεοῖς.

Vamos, amigos, entoai sobre estas libações 620  
feitas aos mortos hinos propícios e evocai o  
divino Dario, enquanto eu dirijo aos deuses  
subterrâneos estas homenagens que a terra vai beber.

Entre os gregos, a evocação à alma dos mortos por vezes se aproximava das práticas de magia, cujos praticantes contavam com diferentes denominações segundo as especialidades, tais como: *pharmakeus*, *epodos*, *psychagogos*, *necromanteos* e *goetes*. E, em latim, *veneficus*, *cantatrix*, *magus* e *saga*. Cada palavra contém um significado específico de determinada prática mágica com difícil equivalência na língua portuguesa, fato que dificulta a tradução desses vocábulos, levando-nos ao emprego de termos comuns, como mágico, feiticeiro ou bruxo.

O ofício de feiticeiro, ou melhor, a identificação dos *profissionais da magia* na Atenas clássica, recebeu pouca atenção da historiografia. Matthew W. Dickie (2003, p. 1) considera que a pouca atenção dada aos homens e mulheres que atuavam na realização das práticas da magia de *fazer mal ao inimigo* se deve ao preconceito relacionado ao tema e à nossa dificuldade de identificá-los na documentação.

Em geral, os praticantes da magia detinham o respeito e o temor de seus contemporâneos, por se dizerem especialistas em *saber fazer* a magia. Entretanto, nos interessa identificar quem seriam estes especialistas em elaborar os *defixiones/katadesmoi*, o que nos leva a interrogar acerca do seu aprendizado, da sua formação como *aprendizes de feiticeiro* e do seu mestre instrutor.

André Bernard (1991), autor do livro *Sorciers grecs*, disponibiliza informações sobre as práticas da magia com base em dados extraídos da literatura, porém não tece considerações sobre como os aprendizes da *ars magica* se tornavam mestres na feitiçaria, ou melhor, profissionais competentes da magia.

A dificuldade em identificar tais sujeitos nos leva a cotejar os vestígios contidos na documentação textual mais remota capaz de nos revelar a presença dos profissionais da magia. Heráclito de Éfeso (536-470 a.C.) menciona os "vagabundos da noite ou errantes noturnos identificados como magos, bacantes, mônades, *mystes* que impiamente se iniciavam nos mistérios em voga entre os homens", como lemos em Clemente de Alexandria (*Protrepticus*, 22, 2). Platão, no século IV a.C., ratifica a existências dos profissionais da magia que perambulavam por Atenas vendendo o seu ofício, ao citar que:

[...] sacerdotes errantes/*agyrtaí* e adivinhos/*manteis* vão às portas dos ricos tentar persuadi-los de que têm o poder outorgado pelos deuses mediante sacrifícios/*thysiai* e encantamentos/*epoidai* [...] e se quiser fazer mal ao inimigo, mediante pequena quantia, prejudicará com igual facilidade o justo e o injusto por meio de magia/*epagogai*, e feitiçaria/*katadesmoi* (*Republica*, 364, c-d).

As citações de Heráclito e de Platão, embora distantes no tempo, nos indicam a presença de magos, ou seja, de profissionais da magia que circulavam livremente por Atenas, disponibilizando os seus conhecimentos sobre as práticas mágicas. Entretanto,

o termo sacerdotes errantes/*agyrtai* confunde-se com vagabundos da noite e deixa transparecer que eram pessoas que não pertenciam à *pólis* dos atenienses. A citação nos aponta para indivíduos conhecidos, temidos e, ao mesmo tempo, respeitados pela posse e domínio do *saber/fazer* determinadas práticas de magia, ou seja, em particular a ação de *fazer mal ao inimigo* de forma oculta. Acreditamos que tais indivíduos seriam estrangeiros errantes, classificados pela elite ateniense como *goetes*, termo que os aproxima da prática do charlatanismo.

A lei ateniense era rigorosa com os indivíduos de passagem pela cidade. Sendo estrangeiros, a lei determinava a possibilidade de permanência na *pólis* de Atenas pelo período estabelecido pela *diké*, isto é, trinta dias renováveis (MACDOWELL, 1986). Expirado esse prazo, o indivíduo teria de se retirar, podendo retornar em outra ocasião. Tal fato conferia-lhe o epíteto de estrangeiro e não de meteco.

A ausência de registro de estrangeiros na Antiguidade dificulta a identificação do transeunte como aprendiz de feiticeiro ou profissional da magia. Entretanto, a documentação expõe dados relevantes ao destacar os adeptos da magia como vagabundos. Fritz Graf (1994, p. 33) menciona que os magos, bacantes e ménades citados por Heráclito de Éfeso seriam os participantes dos cultos dionisiacos, cujo rito era composto pelo êxtase e entusiasmo alcançados em períodos noturnos. Consideramos que os integrantes de tais ritos seriam os mesmos profissionais do rito mágico mencionados por Platão, ou seja, homens e mulheres que circulavam por Atenas, conhecedores dos procedimentos mágicos, desprezados por uns, temidos por outros e procurados secretamente por alguns cidadãos de recursos para prejudicar o inimigo.

Acreditamos que os rituais praticados por estrangeiros e por aqueles considerados à margem da religião oficial *políade* eram executados à noite. Esses rituais se aproximam daqueles oferecidos a divindades ctônicas, tais como Dioniso, Hécate, Perséfone. A partir deles, podemos tecer algumas considerações sobre os profissionais dos ritos mágicos e identificar o ofício de *aprendiz de feiticeiro*.

As práticas mágicas presentes nos cultos estrangeiros dedicados às divindades do mundo subterrâneo, pelas críticas de Heráclito de Éfeso e de Platão, deixam transparecer a existência, em Atenas, de licenciosidade e *synousia*/intercursos sexuais, consideradas atividades sagradas pelos seus integrantes. A ação sagrada encontra-se relacionada à possessão dionisiaca na qual o transe, o entusiasmo, o ritual de sangue, a omofagia e o contato com as potências sobrenaturais do mundo subterrâneo ratificam a citação de Heráclito de Éfeso ao identificar Dioniso com Hades.

Os cultos noturnos introduzidos pelos frígios, no IV a.C., em Atenas, segundo Plutarco de Queroneia, na obra *De E Delphico* (v. 389<sup>a</sup>-391<sup>a</sup>), eram rituais considerados infames,

libidinosos, praticados pelas hetairas e cortesãs (FLACELIÈRE, 1941). A consideração nos remete à tradição de se atribuir às mulheres as ações mágicas como no caso de Circe, Medeia e Samanta. O fato nos traz à memória o processo impetrado contra Frinea de Téspis, cuja defesa foi efetuada pelo orador Hipérides, no século IV a.C. A hetaira, de rara beleza, foi acusada por um de seus antigos amantes, Euthias, de ter introduzido na *pólis* de Atenas uma nova divindade estrangeira, sem a prévia autorização da assembleia dos atenienses. O *thyases* de Frinea recebia homens e mulheres que celebravam cultos noturnos e orgiásticos ao deus identificado como Isodaites ou Nictélios, “aquele que rende culto a Dioniso à noite, cuja cerimônia detinha as mesmas características do culto ao deus Adonis” (CANDIDO, 2014, p. 153).

Frinea teria sido iniciada no culto de mistério na região da Frigia ou na Beócia, tornando-se sacerdotisa de Isodaites. A hetaira iniciou a propagação do culto em Atenas, visando à captação de adeptos e de recursos financeiros para a realização dos rituais durante o período de sua permanência no território ático.

A emergência de cultos estrangeiros em Atenas, no final do século IV a.C., não era novidade, pois, no século anterior, houve a solicitação de permissão à assembleia dos atenienses para a realização de culto à deusa Bendis entre os trácios, como evidenciam as inscrições *IG II<sup>2</sup> 1283* e *IG II<sup>2</sup> 337*, referentes à *Afrodite Kitias* (KIRCHNER, 1935). O culto era considerado um rito bárbaro devido à ingestão de bebida com alto teor alcoólico, talvez uma bebida fermentada denominado *sabaium* ou vinho puro. A informação nos é fornecida por Diodoro da Sicília (*Bibliotheca historica*, IV, 4-2), ao afirmar que os mitólogos gregos indicavam a existência de outro deus Baco, muito mais antigo que Dioniso, cujo nome era Sabázio, divindade trácio-frígia cujo culto teria um caráter orgiástico semelhante ao de Dioniso.

O culto e os sacrifícios eram celebrados por mulheres, identificadas como *mystae*, que cantavam e dançavam de forma libidinosa nos cultos noturnos, portando lanças em forma de tirsos (Diod. Sic., *Bibl. Hist.*, IV, 4). O impacto da obscenidade da dança foi exposto pelo autor cômico Eupolis, no fragmento 2(450), ao citar que, no rito orgiástico, as mulheres remexiam as nádegas de maneira escandalosa e levantavam as pernas bem alto, exibindo as partes íntimas (STONEY, 2003, p. 130).

Aristófanes, na obra *Lisístrata* (vv, 387-388), também satirizou a cerimônia ao protagonizar que as mulheres em cortejo dançavam e gritavam *euoi saboi euazein sabazion*. A mesma afirmação é registrada por Demóstenes (*De corona*, 259-260), ao identificar Glaucothea, mãe de seu adversário, Esquine, como uma das mulheres atenienses iniciada nos cultos à divindade ctônica Sabázio.

As informações e críticas às cerimônias religiosas orgiásticas dedicadas aos deuses estrangeiros nos auxiliam na identificação dos responsáveis pelos cultos. A

ação dos responsáveis os qualifica como sacerdotes e sacerdotisas que dominavam os procedimentos mágicos, visando a atender a interesses privados de qualquer natureza. Os responsáveis pela execução da magia, considerados por nós como *profissionais do rito* mágico, transitavam livremente pelas áreas de Atenas e eram conhecidos nas comunidades gregas, nas quais residiam por um curto período de tempo, pelo fato de serem estrangeiros.

Tal informação deixa transparecer que os atenienses podiam assistir às cerimônias mágico-religiosas dedicadas às divindades estrangeiras ou mesmo participar da sua celebração. O ato não constituía crime em Atenas. Não havia uma legislação contra os supostos profissionais da magia, desde que suas ações não violassem as leis da *pólis* e não fossem flagrados realizando a magia em locais interditos. A realização de um culto estrangeiro em Atenas requeria, por obrigação, uma permissão oficial. Entretanto, a cultura material é um testemunho do flagrante delito de remoção sepultura das sepulturas do *Kerameikos* e de *Muniquia*, no Pireu, para o enterramento dos tabletes de impreciação identificados como *katadesmoi*.

Desde Sólon (Plutarco, *Sólon*, 29), havia uma lei da *pólis* que autorizava a visita ao túmulo dos parentes mortos, porém era proibido o acesso aos indivíduos que não pertenciam ao círculo familiar. A visita clandestina era considerada uma *hybris* contra o morto. A proibição era uma forma de evitar a violação e profanação das tumbas, ato considerado uma *asebeia*/impiedade ou um sacrilégio por perturbar a paz dos mortos.

A interdição era de conhecimento de toda a comunidade ateniense. A punição submetia o violador de tumba a uma impreciação da comunidade *políade* pelo ato, considerado ímpio e indigno. Na região da Ásia Menor, encontram-se diversas tumbas com impreciações contra o violador de sepulturas, assim como a legislação prescreve pesadas multas contra os suspeitos de profanação.

Consideramos que os mestres dos aprendizes de feiticeiros eram, provavelmente, de origem estrangeira e do sexo masculino, pois os termos mais remotos presentes na documentação, que qualificam os praticantes da magia, se aproximam do gênero masculino. No universo das práticas mágicas gregas, reafirmamos a demarcação de fronteiras étnicas e de gênero entre a posse e o exercício do saber específico da magia.

A documentação literária nos apresenta mulheres estrangeiras como praticantes da magia das ervas e raízes e iniciadas nos cultos de mistério. Algumas detinham a capacidade de evocar os mortos por meio da manipulação de seus corpos. A prática denominava-se *nekromancia*, como nos leva a concluir o processo contra Frinea de Téspis, Nino e Theoris de Lemnos. Entretanto, somente os homens em estado de purificação estavam capacitados a estabelecer contato com o mundo das potências sobrenaturais e com os

mortos mediante o ritual da *katábasis* e da *psychagogos*, como nos aponta Empédocles de Agracas (CANDIDO, 2006, p. 189).

A historiografia tende a colocar os *magoi* e aprendizes de feiticeiros que transitavam entre os atenienses, nos séculos V e IV a.C., como agentes que atuavam em oposição à religião *políade*. Entretanto, a análise da documentação nos indica que as práticas mágicas realizadas entre os atenienses eram complementares à religião *políade*. O domínio do saber mágico se opunha ao ofício emergente do *iatros*/médico, que precisava manter na marginalidade indivíduos que detinham a *expertise* no conhecimento dos efeitos das ervas e raízes, no preparo das poções de cura e da realização dos *katadesmoi* para fazer mal ao inimigo.

A documentação dos oradores áticos deixa transparecer que magos e médicos se encontravam em conflito e disputa pela credibilidade junto à elite ateniense. Consideramos que o domínio das ervas, na elaboração do *pharmakos*, não deixa de ser um saber científico em disputa no final do V e início do IV século a.C., em Atenas.

Concluimos que, no âmbito da magia e da religião em Atenas, o *logos* adquiriu um notável poder de realização, pois através da prece proferida pelo sacerdote e pelo *iatros* de Asclépio, da imprecação efetuada e materializada pelo *magus*/feiticeiro, era estabelecida a comunicação com os seres sobrenaturais.

A diferença entre a magia e a religião, no período clássico, estaria na crença em sua eficácia, em seu poder de ação e na capacidade em atender ao desejo do solicitante e usuário da magia. Enquanto o sacerdote dirigia suas súplicas piedosamente aos deuses, o *profissional do rito mágico* buscava captar as energias dissipadas no universo e obter a cumplicidade das potências sobrenaturais ctônicas. Em seguida, interagiu com o solicitante, mobilizando o desejo de animosidade nutrido pelo usuário da magia dos *katadesmoi* e colocando assim em prática a crença de que querer é poder.

## Referências

### Documentação textual

ARISTOFANES. *Lisistrata*. Traducción, introducción y notas de Juan Antonio López Férez. Madrid: Synthesis, 2006.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Exortação aos gregos*. Tradução de Rita de Cássia Codá dos Santos. São Paulo: É Realizações, 2013.

DEMOSTHENES. *A oração da coroa*. Tradução de José Maria Latino Coelho. Lisboa: Academia Real das Ciencias de Lisboa, 1880.

- DIODORO DE SICILIA. *Biblioteca Historica*. IV-VIII. Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 2004.
- INSCRIPTIONES GRAECAE. KIRCHNER, J. (Ed.). Berlim: W. de Gruyter, 1935. v. II-II, pars iii.
- HERÓDOTO. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988.
- PLATÃO. *República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PLUTARQUE. *Sur l'E de Delphes*. Traduction par Robert Flacelière. Paris: Les Belles Lettres, 1941.
- PLUTARCO. *Vidas paralelas: Sólon e Publícola*. Tradução do grego, introdução e notas de Delfim F. Leão e José Luís Lopes Brandão. São Paulo: Paumape, 1991.

### Obras de apoio

- BERGER, P. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, v. 1, p. 133-137, 2001.
- BERNARD, A. *Sorciers grecs*. Paris: Fayard, 1991.
- BETZ, H. D. *The Greek Magical Papyri in translation*. Chicago: University Chicago Press, 1992.
- BURKERT, W. *Homo Necans: the anthropology of Ancient Greek*. Berkeley: California Press, 1983.
- CANDIDO, M. R. *Katádesmos: a magia entre os atenienses do V-III a. C.* Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A feitiçaria na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.
- \_\_\_\_\_. O saber mágico-filosófico de Empédocles de Agracas na Atenas Clássica. *Phoenix*, v. 12, p. 189-198, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Medeia, mito e magia: a imagem através do tempo*. Rio de Janeiro: Nea/Uerj, 2007.
- \_\_\_\_\_. As práticas da magia na Atenas Clássica e ao longo do Mar Mediterrâneo. In: BAKOS, M. M.; MATOS, J. S.; BALTHAZAR, G. da S. (Org.). *Diálogos com o mundo faraônico*. Porto Alegre: Furg, 2010, p. 193-202.
- \_\_\_\_\_. Mulheres estrangeiras e as práticas da magia na Atenas do século IV a. C. In: FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L. C.; SILVA, G. J. da. (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 154-170.
- CATLEDGE, P. *The Greeks: a portrait of self and others*. New York: Oxford University Press, 1993.

- DICKIE, M. W. *Magic and magicians in the Greco-Roman World*. London: Routledge, 2003.
- DURAND, J. *Sacrifice et labour en Grèce Ancienne: essai d'Anthropologie religieuse*. Rome: École Française de Rome, 1986.
- FESTUGIÈRE, A. J. *La vie spirituelle en Grèce à l'époque hellénistique*. Paris: Picard, 1980.
- FLACELIÈRE, R. Introduction. In: PLUTARQUE. *Sur l'E de Delphes*. Paris: Les Belles Lettres, 1941.
- FLINT, V. *Witchcraft and magic in Europe*. London: The Athlone Press, 1999.
- FREYBURGER, G. *Sectes religieuses en Grèce et a Rome*. Paris: Belles Lettres, 1986.
- GRAF, F. *La Magie dans l'Antiquité Gréco-Romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- HANSEN, M. H. *Polis: an introduction to the ancient Greek city-state*. New York: Oxford University Press, 2006.
- JIMENO, M. A. L. Zu Einer Fluchtafel vom Athener Kerameikos. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, n. 91, p. 201-202, 1992.
- JORDAN, D. R.; MONTGOMERY, H.; THOMASSEN, E. (Ed.). *The world of ancient magic*. Bergen: The Norwegian Institute at Athens, 1999.
- LUCK, G. *Arcana Mundi: magia y ciencias ocultas en el mundo griego y romano*. Madrid: Gredos, 1995.
- MACDOWELL, D. M. *The law in classical Athens*. London: Thames and Hudson, 1986.
- MEYER, M. *Ancient magic and ritual power*. Boston: Brill, 2001.
- OGDEN, D. *Magic, witchcraft and ghosts in the Greek and Roman world*. New York: Oxford University Press, 2002.
- PACHOUMI, E. The erotic and separation spell of the Magical Papyri and 'Defixiones'. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n. 53, p. 294-325, 2013.
- PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- SIDEKUM, A. (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Porto Alegre: Unijui, 2003.
- STONE, I. C. *Eupolis, poet of old comedy*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- VERSNEL, H. S. Beyond cursing: the appeal to justice in judicial prayers. In: FARAONE, C. A.; OBBINK, D. (Ed.). *Magika Hiera: ancient Greek magic and religion*. New York: Oxford University Press, 1991.
- WINKLER, J. J. The constraints of Eros. In: FARAONE, C. A.; OBBINK, D. (Ed.). *Magika Hiera: ancient Greek magic and religion*. New York: Oxford University Press, 1991.